Não Sou Seu Intervalo

Ela não quer o tempo que sobra dele. Quer um lugar na vida dele.



Laura Bellini

Não Sou Seu Intervalo

Ela não quer o tempo que sobra dele. Quer um lugar na vida dele.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904336

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O tempo do qual não vou abrir mão 12
Capítulo 2 - Espaço para duas vozes 24
Capítulo 3 - Quando a orquestra se cala 37
Capítulo 4 - Tudo o que não estava escrito na partitura 50
Capítulo 5 - O direito de dizer não 64
Capítulo 6 - O primeiro beijo 76
Capítulo 7 - Entre um compasso e outro 89
Capítulo 8 - Do outro lado do palco 100
Capítulo 9 - O risco escrito no silêncio 110
Capítulo 10 - Quando você fica 121
Capítulo 11 - Uma manhã sem partitura 132
Capítulo 12 - A hora que não existia 144
Capítulo 13 - O preço dos próprios sonhos 154
Capítulo 14 - A verdade entre nós 165
Capítulo 15 - Não Sou Seu Intervalo 176
Capítulo 16 - O silêncio que não se pode abafar 189
Capítulo 17 - A vida que não pode esperar 201
Capítulo 18 - O espaço que precisa ser criado 212
Capítulo 19 - Não basta dizer 223
Capítulo 20 - Nosso ritmo em comum 234

INTRO

Vi Sergiusz Wilk pela primeira vez às dez e dezessete da noite, quando estava em cima de uma escada, segurando um grampeador de estofador em uma das mãos e, na outra, um pedaço de veludo azul-marinho que se recusava terminantemente a ficar do jeito que deveria.

Não era exatamente o momento ideal para conhecer alguém. Meu cabelo estava preso com um lápis, eu tinha uma mancha de grafite na bochecha e, no bolso da calça, um celular que havia dez minutos insistia em me lembrar de que eu já deveria estar em casa. No dia seguinte, às oito e meia da manhã, eu teria uma apresentação do projeto de cenografia para um novo teatro em Varsóvia. Era o trabalho para o qual vinha me preparando havia quatro meses. Minha primeira oportunidade de verdade de deixar de ser a mulher que salvava os cenários dos outros e começar a assinar minhas próprias produções.

Em vez disso, eu estava nos bastidores de uma pequena sala de concertos em Łódź, onde aconteciam os preparativos para um festival de ópera intimista. A cortina tinha a cor do céu noturno, o ambiente cheirava a madeira recém-cortada e poeira, e um dos refletores insistia em apagar depois de cinco minutos de funcionamento.

— Por favor, desça da escada.

A voz soou atrás de mim. Grave, tranquila, acostumada a dar ordens que ninguém questionava.

Não me virei.

— Espere um momento, por favor.

— Isso pode ser perigoso.

— Muito mais perigoso seria abrir o festival com uma cortina que parece uma cama malfeita.

Ouvi uma risada curta, abafada quase imediatamente. Só então olhei para baixo.

O homem estava parado a alguns passos da escada. Usava uma camisa branca com as mangas dobradas, calça escura e um paletó jogado sobre o antebraço. Seus cabelos escuros pareciam ter sido penteados várias vezes com os dedos. Não era particularmente elegante daquela maneira que exigia esforço. Dava mais a impressão de alguém que havia se esquecido de que as outras pessoas reparavam em sua aparência.

Ele me observava com interesse, mas sem o menor sinal de constrangimento.

— Sergiusz Wilk — apresentou-se.

Eu conhecia aquele nome. Durante a última semana, tinha ouvido falar dele dezenas de vezes. Maestro, trinta e sete anos, um dos pilares musicais do festival, um homem que, segundo diziam, possuía um ouvido extraordinário e uma paciência nem tão extraordinária assim.

— Emma Borek. Cenografia.

— Imaginei.

— Por causa da escada?

— Porque você está conversando com a cortina como se ela pudesse entender.

— Pelo menos ela não me interrompe.

Ele sorriu. Não foi um sorriso aberto, apenas um movimento discreto de um dos cantos da boca, como se quisesse guardar aquela reação só para si.

— Preciso do palco por vinte minutos.

Olhei para o relógio.

— E eu ainda preciso dele por quarenta.

— Ensaio da orquestra.

— Montagem do cenário.

— O festival começa daqui a três dias.

— Eu sei. Por isso estou aqui em vez de estar dormindo.

Durante alguns instantes, ficamos nos observando em silêncio. Por fim, Sergiusz deixou o paletó sobre uma cadeira da primeira fileira e se aproximou.

— Afinal, qual é o problema?

A pergunta me surpreendeu. A maioria das pessoas que entrava no palco durante a montagem enxergava apenas a bagunça. Ele estava olhando para o tecido, a estrutura de sustentação e a iluminação.

— O lado esquerdo está quatro centímetros mais baixo. Quando acendermos o refletor lateral, a dobra vai projetar uma sombra no rosto da solista.

— Na segunda entrada?

Virei a cabeça.

— Você conhece a disposição do palco?

— Examinei o projeto ontem.

— E memorizou a posição das luzes?

— Lembrei que você planejou a escuridão exatamente no momento em que a música fica mais delicada.

Não respondi imediatamente. Estava acostumada a maestros que tratavam a cenografia como um obstáculo caro entre eles e a orquestra. Sergiusz falava do meu

projeto como se realmente tivesse dedicado tempo para compreendê-lo.

— A escuridão também pode contar uma história — respondi.

— Foi justamente por isso que eu quis vê-la.

Senti uma curiosidade que não estava muito disposta a admitir. Aquele homem não tentava me impressionar com conhecimentos técnicos. Havia feito uma pergunta porque realmente queria ouvir a resposta.

Desci da escada, e ele se afastou, deixando espaço suficiente para que eu passasse. Reparei naquele pequeno detalhe, assim como no fato de que não estendeu a mão para me ajudar sem que eu pedisse.

— Posso mostrar a iluminação para você — propus. — Mas só por cinco minutos. Depois preciso terminar a montagem.

— Dez.

— Sete.

— Você é sempre tão inflexível?

— Só quando alguém tenta negociar meu tempo.

Seu olhar permaneceu no meu rosto um pouco mais do que a conversa exigia.

— Sete minutos — concordou.

Acionei os refletores pelo painel ao lado da coxia. O veludo azul-marinho escureceu, e uma faixa estreita de luz âmbar surgiu contra o fundo do palco. Minha imaginação sempre fora repleta de imagens, mas somente naquele instante, ao lado do homem responsável pela música,

percebi como aquelas imagens poderiam ganhar vida por meio do som.

Sergiusz subiu ao palco e parou no lugar reservado à solista.

— Aqui? — perguntou.

— Meio passo para a esquerda.

Ele se moveu.

— Agora?

— Perfeito.

Olhou em minha direção. Daquela distância, seu rosto estava parcialmente mergulhado na sombra, enquanto a luz realçava o contorno de sua maçã do rosto.

— Essa é uma palavra bastante precisa.

— Não costumo usá-la com frequência.

— Sinto-me privilegiado.

Eu deveria ter voltado ao trabalho. Em vez disso, passei alguns segundos observando aquele homem que conhecia havia menos de quinze minutos, parado no centro de um espaço criado por mim, como se pertencesse àquele lugar de uma maneira surpreendentemente natural.

Meu celular vibrou.

Na tela apareceu uma mensagem da minha amiga Julia.

Você lembra que amanhã cedo tem que ir a Varsóvia, né? Não tente salvar o mundo inteiro às custas de si mesma.

Sorri discretamente. Julia conhecia meus piores hábitos. Durante os últimos anos, eu havia aceitado trabalhos que ninguém mais queria, corrigido projetos de profissionais muito mais conhecidos do que eu e insistido na ideia de que bastava mais um esforço para que alguém finalmente

reconhecesse meu talento. A apresentação do dia seguinte deveria marcar o início de uma fase diferente.

— Preciso terminar por aqui — avisei, apagando as luzes.

Sergiusz desceu do palco.

— Amanhã, às nove da noite, gostaria de testar tudo com a música.

— Amanhã à noite não estarei aqui.

— Não vai demorar muito.

— Eu não disse que não tenho tempo. Disse que não estarei aqui.

Vi seus lábios se contraírem por um instante. Ele não parecia ofendido. Parecia mais alguém que havia encontrado uma restrição inesperada em uma partitura que conhecia de cor.

— Tenho um intervalo livre entre os ensaios — explicou. — É justamente nessa hora que podemos trabalhar com tranquilidade.

— E eu tenho uma reunião em Varsóvia e não sei a que horas vou voltar.

— Talvez você consiga chegar a tempo.

Não havia arrogância em sua voz. Era exatamente isso que tornava a sugestão mais difícil de recusar. Ele a fizera com uma convicção tão natural que parecia considerar minha agenda uma parte flexível do próprio planejamento.

— Não vou prometer algo que não está sob meu controle.

Ele me observou por alguns instantes. Depois assentiu.

— Entendo. Conversamos amanhã.

— De preferência antes das seis da tarde. Depois disso, talvez eu não esteja disponível.

— Vou tentar.

Aquela única palavra permaneceu suspensa entre nós quando ele se virou para pegar o paletó.

Antes de sair, ainda parou junto à porta.

— Senhorita Emma?

— Sim?

— Aquela escuridão realmente conta uma história. Eu não mudaria nada.

Não esperava que aquelas palavras me deixassem tão satisfeita. Desviei o olhar para a cortina para que ele não visse o sorriso que surgiu em meu rosto.

— Boa noite, senhor Wilk.

— Sergiusz.

— Boa noite, Sergiusz.

A porta se fechou suavemente.

Voltei a subir na escada e ajustei a última fixação. O lado esquerdo do veludo finalmente ficou alinhado. Conferi as horas. Já era mais tarde do que eu pretendia e, mesmo assim, durante algum tempo, não consegui me concentrar no trabalho.

Pensava na atenção dele, na maneira como havia percebido o significado de algo em que eu trabalhara durante semanas. Naquele olhar em que o interesse pelo meu projeto havia se misturado, inesperadamente, ao interesse por mim.

Então me lembrei de sua proposta.

Tenho um intervalo livre entre os ensaios.

Eu sabia quanto havia me custado construir minha própria vida. Não queria voltar a moldá-la às necessidades de outra

pessoa apenas porque alguém sabia falar de maneira tão bonita sobre o meu trabalho.

Quando apaguei o último refletor, a única luz que permaneceu na sala vazia foi a pequena luminária sobre a estante de partituras do maestro.

Olhando para ela, pensei em Sergiusz e me fiz uma pergunta para a qual ainda não tinha resposta.

Será que um homem capaz de ouvir a música com tanta atenção também seria capaz de me escutar com a mesma intensidade?

Capítulo 1 - O tempo do qual não vou abrir mão

Às oito e vinte e seis da manhã, eu estava diante das portas de vidro de um escritório de arquitetura em Varsóvia, tentando decidir se a mancha de café na minha blusa era pequena o bastante para ser considerada um detalhe intencional do visual. Quatro horas de sono, uma viagem de trem logo cedo e uma bebida quente que eu havia derramado sobre mim durante uma freada não compunham exatamente o início dos sonhos para a reunião profissional mais importante da minha vida.

Ajustei a gola do blazer usando o reflexo do vidro como espelho. Meu celular vibrou.

Era uma mensagem da coordenadora do festival.

Emma, Sergiusz está pedindo que você confirme sua presença no ensaio das 21h. Por favor, avise.

Li a mensagem duas vezes. Na noite anterior, eu já havia explicado que não podia prometer que estaria de volta em um horário específico. Tinha trinta e um anos, meu próprio negócio e experiência suficiente para saber que a urgência dos outros podia ocupar toda a nossa agenda se permitíssemos isso uma única vez sem contestar.

Respondi que estaria disponível por telefone depois das seis da tarde, mas que não confirmaria minha presença. Em seguida, silenciei as notificações e entrei.

Fiz a apresentação diante de quatro pessoas que observavam minhas imagens digitais com a contenção típica de profissionais experientes. O projeto envolvia o palco de um novo teatro, onde paredes móveis transformariam o

espaço sem que fosse necessário baixar a cortina. Eu havia preparado uma maquete, um orçamento e uma solução técnica para elementos que poderiam ser movimentados por apenas duas pessoas, em vez de exigir toda uma equipe de montagem. Foi justamente esse detalhe que mais despertou o interesse da comissão.

— A senhora já projetou um espaço dessas dimensões? — perguntou a diretora artística, Katarzyna Rudzka.

— Não de forma independente — respondi. — Mas, durante seis anos, desenvolvi soluções para produções maiores. Conheço as limitações das equipes técnicas e sei onde os projetistas costumam complicar desnecessariamente o trabalho delas.

— E qual é o maior risco da sua proposta?

Apontei para uma parte da maquete.

— Esta conexão. Se a empresa responsável pela execução utilizar um mecanismo mais barato, a parede começará a se mover de maneira irregular. Por isso, não reduzi o custo desse componente no orçamento. Poderia ter feito isso para tornar a proposta mais atraente, mas estaria enganando vocês logo no início.

Pela primeira vez naquela manhã, Katarzyna sorriu.

A reunião durou quase duas horas. Quando saí para a rua, ainda não sabia se conseguiria o contrato, mas tinha certeza de que não havia desvalorizado meu trabalho para conquistar a oportunidade. Isso foi suficiente para melhorar meu humor.

Julia atendeu no segundo toque.

— Está viva?

— Provavelmente. Não verifiquei meu pulso.

— Como foi?

— Bem. Muito bem, na verdade.

— Então por que você está falando como se quisesse estrangular alguém?

Apoiei as costas contra a parede do prédio.

— O festival. O maestro quer que eu volte hoje à noite para um ensaio.

— Aquele da cortina?

Na noite anterior, eu havia conseguido contar a ela sobre Sergiusz, embora inicialmente pretendesse mencionar apenas que tinha terminado a montagem.

— O mesmo.

— Bonito?

— Julia.

— Isso não é uma resposta.

— Ele é interessante.

— Pior ainda.

Comecei a rir, mas a risada morreu quando uma ligação de um número desconhecido apareceu na tela. Um telefone fixo de Varsóvia? Não. Um celular de Łódź.

— Depois te ligo — avisei.

Atendi.

— Emma Borek.

— Sergiusz Wilk. Espero não estar incomodando.

Sua voz era tão tranquila quanto na noite anterior. Não esperava reconhecê-la imediatamente, mas foi exatamente o que aconteceu.

— Acabei de sair de uma reunião.

— Como foi?

A pergunta pareceu sincera. Por um instante, me perguntei como ele sabia que aquela reunião era importante, até me lembrar do que eu mesma havia dito sobre Varsóvia.

— Promissora. Obrigada.

— Então parabéns pelo primeiro sucesso.

— Ainda não recebi uma resposta.

— Às vezes vale a pena comemorar antes de conseguir todas as assinaturas.

Ao fundo, ouvi notas distantes de um piano e alguém contando os compassos.

— Imagino que você não esteja ligando apenas para me dar os parabéns.

— Gostaria que você visse uma alteração hoje. Encurtamos a transição entre duas cenas. A iluminação precisa entrar mais cedo.

— Quanto mais cedo?

— Onze segundos.

— Onze segundos podem significar uma disposição completamente diferente do cenário.

— Eu sei. É por isso que preciso de você.

A simplicidade daquela frase me atingiu de maneira inesperada. Ele não disse que precisava de alguém da cenografia. Disse que precisava de mim.

— Meu trem sai depois das cinco — respondi. — Estarei em Łódź antes das sete, se não houver atrasos. Depois preciso buscar alguns materiais no ateliê.

— Começamos às nove.

— Sergiusz, eu não confirmei minha presença nesse ensaio.

— É justamente isso que estou tentando mudar.

— E eu estou tentando explicar que meu dia não é uma folha em branco.

Houve silêncio do outro lado da linha. Não foi longo, mas durou o suficiente para que eu imaginasse sua expressão.

— Você tem razão — disse finalmente. — Eu deveria ter perguntado, em vez de presumir.

Aquela resposta me desarmou com mais eficiência do que qualquer outro argumento.

— Envie a gravação desse trecho e o cronograma atualizado. Vou verificar o que podemos fazer sem que eu precise estar presente.

— Eu gostaria de ter sua opinião diretamente no palco.

— E eu gostaria de ter energia para trabalhar amanhã.

— Entendo.

Aquela palavra outra vez. Dessa vez, porém, ele não encerrou a conversa.

— Posso sugerir outra coisa? — perguntou.

— Estou ouvindo.

— Vou chegar mais cedo à sala de concertos. Se você conseguir vir, examinamos a alteração antes do ensaio. Caso contrário, preparo uma gravação e você toma a decisão amanhã de manhã.

Pensei por alguns instantes. Não era uma solução perfeita, mas, pela primeira vez, levava em consideração que meu tempo também tinha limites.

— Assim podemos fazer.

— Ótimo. E, Emma?

— Sim?

— Eu não queria diminuir a importância da sua reunião.

Não respondi imediatamente. Havia algo menos formal em sua voz, como se ele tivesse deixado de lado, por um momento, o papel de homem responsável por comandar toda uma equipe.

— Então, da próxima vez, comece perguntando — respondi com mais suavidade.

— Vou tentar me lembrar.

O trem para Łódź atrasou vinte e três minutos.

Quando cheguei ao ateliê, já estava escuro. Meu espaço ocupava o térreo de um antigo prédio residencial perto da rua Piotrkowska. Não havia uma recepção elegante nem um enorme logotipo na porta. Em compensação, tinha janelas altas, uma mesa de trabalho cuja superfície estava marcada por cortes de estiletes e prateleiras repletas de amostras de tecidos. Cada centímetro daquele lugar me pertencia, mesmo que o banco fizesse questão de lembrar regularmente sua participação no empreendimento.

Peguei os elementos do cenário que estavam preparados e me sentei por alguns instantes à escrivaninha. Encontrei uma mensagem de Katarzyna Rudzka.

Senhora Emma, agradecemos pela apresentação. Gostaríamos de avançar para a segunda etapa das conversas. Seria possível preparar a documentação técnica preliminar até a próxima quinta-feira?

Li o e-mail. Depois li novamente, dessa vez mais devagar.

Eu não havia conseguido o contrato. Ainda não. Mas meu nome estava na lista dos finalistas.

Disquei o número de Julia.

— Diga alguma coisa sensata antes que eu faça alguma loucura.

— O que aconteceu?

— Passei para a próxima etapa.

O grito dela quase me deixou surda.

— Eu sabia! Emma, isso é enorme!

Sorri para o ateliê vazio. Só quando Julia começou a me bombardear de perguntas sobre os detalhes percebi o quanto precisava compartilhar aquela notícia com alguém.

Conversamos durante uns quinze minutos. Depois olhei para o relógio.

Oito e quarenta da noite.

Uma mensagem de Sergiusz me esperava na tela.

Já estou aqui. Se não conseguir chegar, não precisa vir só por isso. Envio os materiais.

Li com surpresa. Então percebi que nunca ninguém havia me esperado em uma sala de concertos vazia apenas para pensar comigo sobre onze segundos.

Respondi que poderia chegar em vinte minutos.

Não porque fosse obrigada.

Mas porque queria.

Encontrei Sergiusz junto à estante do maestro. A sala estava quase escura, iluminada apenas por algumas lâmpadas técnicas. Ele usava uma blusa preta de gola alta, cujo tecido macio destacava seus ombros largos. O paletó estava sobre uma cadeira. À sua frente, uma partitura aberta estava repleta de marcações coloridas.

Ele ergueu a cabeça quando entrei.

— Pensei que você não viria.

— Eu também.

Não sorriu imediatamente. Observou-me por alguns instantes, como se quisesse se certificar de que minha presença realmente significava que eu concordava em trabalhar com ele.

— Obrigado por encontrar um tempo.

— Tenho quarenta minutos.

— Cronômetro preparado?

— Quase.

Reparei em dois copos descartáveis perto da estante.

— Comprei chá — explicou. — Não sabia se você tomava café a esta hora.

— Não tomo. A menos que queira passar a madrugada inteira, até as quatro, pensando em todos os erros da minha vida.

— Então fiz a escolha certa.

Ele me entregou um dos copos. O aroma era de gengibre e limão. Não se tratava de uma gentileza extraordinária, mas, ainda assim, fiquei satisfeita por ele ter pensado em algo que não estava diretamente relacionado ao ensaio.

Abri a documentação.

— Mostre a alteração.

Sergiusz colocou a gravação para tocar. Durante alguns minutos, escutei a música enquanto acompanhava a sequência de iluminação desenhada no papel. Na terceira transição, interrompi a reprodução.

— Não podemos encurtar todo o movimento do cenário — expliquei. — Os operadores não vão conseguir acompanhar. Mas podemos começar antes, enquanto a solista ainda está na sombra.

— Nesse caso, vamos ouvir o mecanismo.

— Não se mudarmos a ordem. Primeiro movemos o painel da direita, depois o da esquerda. O segundo vai esconder o primeiro.

Sergiusz examinou o esboço.

— Isso funciona.

— Ainda não sabemos.

— Consigo entender o princípio.

— E eu consigo enxergar três coisas que podem dar errado.

— Então vamos verificar as três.

Ele não tentou me convencer usando sua autoridade. Não disse que a música era mais importante do que a mecânica do palco. Em vez disso, aproximou uma cadeira, sentou-se ao meu lado e começou a escutar.

Trabalhamos juntos durante mais de meia hora. Eu mostrava as limitações da estrutura, enquanto ele explicava quais momentos musicais realmente exigiam silêncio. No início, conversávamos depressa, às vezes interrompendo um ao outro. Depois, nossas ideias começaram a se complementar. Ele encontrou um ritmo para o deslocamento de um painel que eu não havia considerado, e eu alterei o ângulo de uma das luzes para reforçar sua intenção sem gerar custos adicionais.

Quando terminamos, o relógio marcava nove e quarenta e oito.

— Passamos do horário — observou.

— Oito minutos.

— Valeu a pena?

Olhei para o projeto corrigido. Depois, para ele.

— Sim.

Ele sorriu daquele jeito contido que já começava a reconhecer.

— Você tem uma maneira extraordinária de pensar o espaço, Emma.

— E você trata o silêncio como se fosse um instrumento.

— Porque ele é.

Por alguns instantes, ficamos nos olhando sem dizer nada. Entre nós havia uma pequena mesa, dois copos de chá e alguma coisa que eu ainda não sabia nomear. Sua proximidade não era invasiva. No entanto, bastou que ele se inclinasse sobre o desenho para que eu percebesse o aroma de cedro e tecido limpo.

Fui a primeira a me levantar.

— Preciso ir.

Sergiusz também se levantou.

— Vou acompanhar você até a saída.

— Não precisa.

— Eu sei.

Ele disse aquilo com tanta naturalidade que não encontrei motivo para recusar.

Atravessamos o corredor vazio. Perto da saída, ele parou e olhou para meu celular, cuja tela acabara de se iluminar com outra mensagem.

— Importante?

— Muito.

Não virei a tela para ele. Fui eu mesma quem contou sobre a segunda etapa das conversas em Varsóvia.

— Parabéns — respondeu imediatamente. — Parece que você terá uma semana cheia.

— Espero que sim.

— Vou ter que aprender a planejar nossos encontros com antecedência.

A palavra "nossos" me surpreendeu. Ele a pronunciou sem a menor hesitação.

— Isso pode ser difícil para você — comentei.

— Por quê?

— Tenho a impressão de que está acostumado a um mundo que se ajusta à sua batuta.

Ele soltou uma risada baixa.

— E você não pretende fazer isso?

— Não.

Ele me observou por um longo instante.

— Ótimo — disse por fim. — Então vou ter que aprender alguma coisa nova.

Uma chuva fina caía na rua. Abri meu guarda-chuva antes que ele tivesse a oportunidade de oferecer ajuda.

— Boa noite, Sergiusz.

— Boa noite, Emma.

Caminhei em direção ao carro. Não olhei para trás imediatamente, embora tivesse vontade. Só quando cheguei à faixa de pedestres lancei um olhar por cima do ombro.

Ele ainda estava parado sob a entrada.

E, dessa vez, não esperava que eu confirmasse presença em nenhum ensaio.

Capítulo 2 - Espaço para duas vozes

Na manhã seguinte, acordei com o som de um e-mail chegando, não com o despertador. Eram sete e quarenta. Eu estava deitada com a sensação de ter fechado os olhos apenas cinco minutos antes, embora quase sete horas tivessem se passado. Do lado de fora, a luz de novembro atravessava as cortinas timidamente, como se nem ela tivesse certeza de que valia a pena começar o dia.

A mensagem vinha de Varsóvia. Katarzyna Rudzka havia enviado os requisitos detalhados para a segunda etapa do projeto. Sete páginas de documentação, três versões de orçamento, uma análise de segurança e um prazo que não poderia ser adiado.

Sentei-me na cama e comecei a ler.

Na metade da segunda página, compreendi que os próximos dias exigiriam toda a minha concentração. Aquilo não era um trabalho qualquer. Se conseguisse aquele contrato, poderia contratar uma segunda pessoa em caráter permanente para o ateliê. Talvez finalmente deixasse de recusar projetos maiores simplesmente porque não tinha mãos suficientes para executá-los.

Às nove, Julia ligou.

— Espero que você esteja dormindo.

— Nesse caso, não deveria estar ligando.

— Como foi ontem?

Abri o notebook.

— Corrigimos a transição entre as cenas. Economizamos onze segundos sem aumentar os custos.

— Fascinante. E o maestro?

— Estava lá.

— Emma.

Suspirei.

— Ele é inteligente. Sabe ouvir. Consegue admitir quando outra pessoa tem razão. E tem o hábito extremamente irritante de olhar para alguém como se quisesse memorizar cada palavra.

— Ou seja, você gosta dele.

— Não disse isso.

— Não precisava.

Julia me conhecia bem o suficiente para reconhecer os momentos em que eu tentava transformar emoções em análises técnicas. Fazia isso havia muito tempo. Era mais fácil conversar sobre sentimentos quando conseguia apresentá-los como problemas que precisavam de solução.

— Tenho trabalho demais — respondi.

— Homens bonitos não precisam se transformar em um segundo emprego.

— Você não conhece Sergiusz.

— E você conhece?

A pergunta permaneceu comigo depois que desligamos.

Cheguei à sala do festival durante a tarde. Um ensaio técnico estava acontecendo no palco, e os corredores estavam cheios de vozes de músicos, do farfalhar de estojos de instrumentos e daquele cheiro característico de café de máquina. Os organizadores andavam apressados, todos com celulares nas mãos, como se o sucesso do